

Elevação de /e/ e apagamento vocálico: o comportamento dos clíticos

Natália Brambatti Guzzo

Submetido em 02 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 05 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 185-202

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

ELEVAÇÃO DE /e/ E APAGAMENTO VOCÁLICO: O COMPORTAMENTO DOS CLÍTICOS

Natália Brambatti Guzzo*

RESUMO: *o presente estudo analisa o tipo de clítico, seu contexto fonológico e sua função morfossintática de modo a (i) verificar como esses fatores relacionam-se a seu comportamento quanto à elevação de /e/ e ao apagamento vocálico e (ii) tecer afirmações sobre sua localização na hierarquia prosódica. Neste trabalho, os clíticos obtidos por Guzzo (2010) e Battisti e Guzzo (2012) para, respectivamente, elevação de /e/ e apagamento vocálico, foram analisados isoladamente. Constatou-se que a elevação, mais frequente em <e> e e menos frequente em <de> e <te>, é condicionada pelo contexto fonológico do clítico e pelo seu tipo e função morfossintática, ao passo que o apagamento, mais frequente com <tu> e <de>, é influenciado sobretudo pelo contexto fonológico.*

PALAVRAS-CHAVE: *clíticos; elevação de /e/; apagamento vocálico; fonologia prosódica.*

1. INTRODUÇÃO

Os clíticos do português brasileiro (PB) podem apresentar comportamento peculiar frente a fenômenos fonológicos como a elevação e o apagamento vocálicos. Tal comportamento permite comparar os clíticos a sílabas localizadas em outras posições com relação ao acento de uma palavra e discutir sua localização na escala prosódica.

Estudos como o de Guzzo (2010) e o de Battisti e Guzzo (2012) levaram em conta, para a elevação de /e/ e o apagamento vocálico, respectivamente, todas as pautas silábicas e verificaram que, para os dois processos, os clíticos monossilábicos exercem papel favorecedor.

Clíticos são as partículas que Câmara Jr. (2010 [1970]) classifica como formas dependentes, dado o fato de que, mesmo separados de outros itens lexicais por espaços em branco, não portam comunicação suficiente para serem instanciados isoladamente nem se incorporam a uma palavra com acento próprio (forma livre) da mesma forma que um afixo (forma presa).

Segundo Bisol (2005), clíticos são elementos átonos que se submetem, com o hospedeiro, a processos fonológicos pós-lexicais tais como a elevação e o apagamento vocálicos. Os clíticos, de acordo com esta visão, embora possam pertencer a classes morfossintáticas distintas, compõem um grupo único no sentido de que são átonos, dependentes de um hospedeiro e ignorados por regras sensíveis a informação morfológica.

O presente estudo, unindo as definições de Câmara Jr. (2010 [1970]) e Bisol (2005), parte do pressuposto de que clíticos são partículas átonas monossilábicas (como pronomes oblíquos, artigos e palavras funcionais) sujeitas a processos de redução. Considera, ainda, a possibilidade de existência de duas palavras funcionais dissilábicas clíticas, a saber, *porque* e *para*, que, podendo ser reduzidas a [purki] e [pra] ou mesmo

* Doutoranda UFRGS (CNPq – Processo 142347/2011-6).

[pa], comportam-se como elementos não acentuados. *Porque* e *para*, porém, não são contemplados por este estudo.

O objetivo deste trabalho é verificar como se comportam os clíticos monossilábicos do PB relativamente à elevação de /e/ e ao apagamento vocálico, de acordo com seu tipo e sua função morfossintática, para que se possam tecer afirmações sobre sua localização na escala prosódica. Os dados em que se baseia este estudo foram obtidos por Guzzo (2010), para a elevação de /e/, e Battisti e Guzzo (2012), para o apagamento vocálico, e investigados por essas autoras por meio de análise de regra variável, nos moldes da Teoria da Variação de Labov (2008 [1972]), com a utilização de entrevistas sociolinguísticas do banco de dados BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, Universidade de Caxias do Sul).

Os contextos obtidos provêm de gravações realizadas em Flores da Cunha, município localizado na Serra Gaúcha, nas proximidades de Caxias do Sul, e composto majoritariamente por ítalo-descendentes. Os informantes selecionados pertencem a quatro faixas etárias distintas (18 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos e 71 ou mais anos), a ambos os sexos e são residentes ou na zona urbana ou na zona rural. Guzzo (2010) obteve dados de 32 entrevistas sociolinguísticas, ao passo que Battisti e Guzzo (2012) fizeram uso de 12. As ocorrências de clíticos presentes nesses dois estudos foram separadas do restante dos contextos e reanalisadas por meio de observação individual e de cruzamentos de variáveis.

Este texto organiza-se da seguinte forma: na próxima seção, é descrito o comportamento dos clíticos com relação à elevação de /e/; na seção seguinte, considera-se o comportamento desses elementos quanto ao apagamento vocálico. Em seguida, os fenômenos são discutidos de modo a serem comparados entre si e de modo que se possa, com base neles, considerar a localização dos clíticos na escala prosódica. Por fim, são apresentadas as conclusões.

2. CLÍTICOS E ELEVAÇÃO DE /e/

Em PB, a elevação da vogal média anterior átona (/e/) é o fenômeno variável que consiste na passagem de /e/ para [i] em qualquer posição na palavra. Em pauta pretônica, esse processo é usualmente desencadeado por uma vogal alta na sílaba subsequente, o que é tratado por Bisol (1981) como harmonia vocálica. Em posição postônica final, a pauta mais fraca para Câmara Jr. (2010 [1970]), a elevação ocorre de modo a reduzir contrastes, visto que gera um sistema de apenas três vogais (/i, u/, decorrentes de elevação, e /a/).

Um considerável número de estudos sociolinguísticos sobre a elevação vocálica desenvolveu-se com base em dados de fala de municípios da Serra Gaúcha, região onde se localiza Flores da Cunha, a comunidade levada em conta nesta pesquisa. Esses estudos, como o de Bisol (1981), Battisti (1993) e Schwindt (2002), relativamente à pauta pretônica, e de Roveda (1998) e Vieira (2002), relativamente à pauta postônica, obtiveram índices de elevação de /e/, para Flores da Cunha, semelhantes ou inferiores aos verificados em comunidades não formadas por ítalo-descendentes. A tendência em

Flores da Cunha, especialmente entre indivíduos bilíngues, parece ser realizar as vogais médias sem elevação, o que pode estar relacionado ao fato de que, segundo Frosi (1987), as vogais médias do italiano padrão e de seus dialetos falados na Serra Gaúcha, especialmente quando em posição final, carregam informação morfológica, sendo, pois, distintivas.

O estudo de Guzzo (2010) considerou as pautas pretônica e postônica e o fator *clítico* em uma única variável, com o intuito de averiguar o efeito da posição silábica no fenômeno da elevação de /e/. Além disso, verificou a influência de outras variáveis linguísticas, a saber, *Presença de onset na sílaba*, *Presença de coda na sílaba*, *Contexto fonológico precedente*, *Contexto fonológico seguinte* e *Vogal da sílaba seguinte*, e das extralinguísticas *Gênero*, *Idade* e *Local de residência*. Foram obtidos 25708 contextos, e o fenômeno foi aplicado a 50,7% deles (13022 ocorrências). Após rodada de dados no programa computacional GoldVarb-X, Guzzo (2010) constatou que a elevação é favorecida por sílaba sem *onset* e com *coda*, vogal alta na sílaba seguinte, consoante velar ou zero precedentes, vogal ou zero seguintes, e vogal /e/ em clíticos.

Quanto à variável *Posição da vogal média na palavra*, a presença do fator *clítico*, que obteve frequência de aplicação de 73,1% e peso relativo de 0,71, sendo considerado favorável ao fenômeno, fez com que o percentual total de elevação ultrapassasse os 50%, índice tido como moderado para a comunidade de Flores da Cunha. Esses números são significativamente mais altos do que os obtidos para as demais posições silábicas. Na análise, o fator *postônica final/não final* foi considerado neutro, com peso relativo de 0,49 e frequência de aplicação de 44,7%, e os fatores *pretônica inicial* e *pretônica medial* foram tidos como desfavoráveis à elevação, com pesos relativos de 0,29 e 0,27, respectivamente, e frequências de 42% e 20,3%. A tabela 1 traz esses resultados.

Tabela 1 – Posição de /e/ na palavra (GUZZO, 2010)

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Clítico (me , se)	6360/8702	73,1	0,71
Postônica Final e Não-final (nome , pêssego)	3753/8402	44,7	0,49
Pretônica Inicial (pedido)	2245/5340	42,0	0,29
Pretônica Medial (alegria)	664/3264	20,3	0,27
TOTAL	13022/25708	50,7	-

Input 0.522
Significância 0.000

A tabela 1 mostra que os clíticos, na fala de Flores da Cunha (RS), comportam-se de maneira diversa das demais posições silábicas quanto à elevação. Ao contrário do que afirma Bisol (2001), os clíticos considerados nessa investigação não se assemelham

a sílabas átonas finais, uma vez que, na comunidade, as sílabas postônicas apresentam, tanto em termos de frequência quanto de peso relativo, valores consideravelmente inferiores aos atribuídos aos clíticos. Parece, pois, que a elevação vocálica, que é um fenômeno inovador em localidades ítalo-descendentes, impõe-se primeiramente através dos clíticos, para depois atingir a pauta postônica.

Os clíticos, além disso, não parecem se comportar como sílabas pretônicas, as quais apresentaram índices de aplicação e pesos relativos baixos. Poder-se-ia esperar que, se os clíticos se assemelhassem a sílabas pretônicas, seu índice de elevação seria inferior, dado o fato de que a incorporação a uma palavra acentuada poderia refrear a atuação de uma regra pós-lexical como a elevação vocálica.

Além disso, sílabas pretônicas são sensíveis à regra de harmonia vocálica, o que não ocorre com os clíticos. Guzzo (2010) constatou que a elevação de /e/ em clíticos atingiu regularmente índices acima de 70%, independentemente da vogal existente na sílaba seguinte (73% quando havia vogal alta, 74% quando havia vogal média e 70% quando havia vogal baixa). Percebe-se, pois, que, diferentemente do que ocorre a sílabas pretônicas, cujo comportamento pode sofrer influência da vogal presente na sílaba seguinte, a elevação em clíticos monossilábicos não é resultado de harmonia vocálica.

A fim de verificar o papel do tipo e da função morfossintática dos clíticos na elevação de /e/, selecionamos, dos dados obtidos por Guzzo (2010), apenas as ocorrências desses elementos. Por meio de cruzamentos no programa computacional de análise de regra variável GoldVarb-X e da observação individual de contextos, verificamos quais clíticos estavam presentes entre as ocorrências e qual a frequência de aplicação da regra para cada tipo de clítico. A partir disso, foi possível tecer considerações sobre a influência de sua função morfossintática e de seu contexto fonológico no fenômeno da elevação.

Os clíticos obtidos por Guzzo (2010) foram *e*, *em*, *de*, *que*, *se*, *me* e *te*. *E* e *em* foram mantidos na análise por se considerar, em princípio, que o fato de a comunidade de Flores da Cunha ser formada predominantemente por ítalo-descendentes com algum grau de bilinguismo poderia contribuir para a existência de uma tendência geral à preservação de /e/ em qualquer contexto. Entre as ocorrências da análise de Guzzo (2010), assim, estão formas alternantes como *e ela::i ela*, *em casa::im casa*, *de manhã::di manhã*, *que sabe::qui sabe*, *se fala::si fala*, *me diz::mi diz* e *te disse::ti disse*.

Das 8702 ocorrências de clíticos, há aplicação da elevação em 6360 delas (73,1%). A análise dos contextos permitiu averiguar que o clítico em que mais ocorre elevação é *em*, com percentual de 96%, que pode ser considerado categórico, e o clítico em que menos ocorre elevação é *de*, com frequência de aplicação de 38%. O quadro a seguir traz os clíticos do estudo de Guzzo (2010) e sua frequência de elevação.

Quadro 1 – Tipos de clítico e elevação

Tipo	de	te	me	se	que	e	em	TOTAL
elev.	745	31	167	495	2432	1784	706	6360
(%)	(38)	(42)	(58)	(69)	(80)	(93)	(96)	(73)
não elev	1202	42	122	218	591	141	26	2342
(%)	(62)	(58)	(42)	(31)	(20)	(7)	(4)	(27)
TOTAL	1947	73	289	713	3023	1925	732	8702

Percebe-se, no quadro acima, que entre os clíticos *de* e *em*, isto é, entre o clítico em que menos ocorre elevação e o em que mais ocorre, estão *te* (42%), *me* (58%), *se* (69%), *que* (80%) e *e* (93%). Os dois clíticos que apresentam percentual de elevação abaixo da frequência total para a comunidade analisada (50,7%) são *de* e *te*, que não pertencem à mesma classe morfossintática, visto que *de* é preposição e *te* é pronome pessoal átono, mas que se assemelham pelo fato de terem, como *onset*, uma plosiva alveolar. Em Guzzo (2010), as plosivas alveolares precedentes foram consideradas desfavoráveis à aplicação da elevação¹.

Em seguida, está o pronome *me*, com 58% de elevação. No estudo de Guzzo (2010), o fator *nasal precedente* foi amalgamado a *lateral*, *vibrante* e *tepe*, devido à falta de contextos de alguns desses fatores, e, assim como *plosiva alveolar*, foi considerado desfavorável ao fenômeno. Entretanto, relativamente aos clíticos iniciados por nasal, pode-se dizer que, mesmo que o percentual de aplicação do fenômeno em *me* seja superior ao índice total verificado na comunidade, ele está abaixo da frequência obtida para o fator *clítico* (73,1%).

O clítico *se* apresenta percentual de elevação de 69%, o que está pouco abaixo do índice de aplicação para o fator *clítico*. Em Guzzo (2010), o fator *fricativa alveolar precedente*, em que [s] está inserido, foi considerado neutro, isto é, não apresenta papel condicionador com relação ao fenômeno.

¹ Guzzo (2010) excluiu de seus dados os contextos em que houve palatalização (como [dʒi] *semana* e [fʃi] *chama*), por considerar que é a presença de vogal alta ou elevada que condiciona a palatalização, e não o contrário. Entretanto, o exame dos contextos obtidos nesse estudo revela que há apenas 68 casos de palatalização em clíticos, os quais são predominantes com o clítico *de*. Mesmo que essas ocorrências tivessem sido incluídas no quadro 1, os clíticos *de* e *te* permaneceriam como aqueles em que há menor índice de elevação. Nesses dois clíticos, a vogal média tende a ser preservada, visto que a existência de elevação daria contexto à regra de palatalização. Em comunidades vizinhas a Flores da Cunha, como Antônio Prado (BATTISTI et al, 2007) e Forqueta, distrito de Caxias do Sul (MAURI, 2008), há também um predomínio da não palatalização, possivelmente com tendência à preservação de /e/ após /t d/.

O clítico *se*, entretanto, pode ser pronome pessoal ou conjunção, a depender do contexto. Entre os dados desse clítico, 332 são pronominais (47%) e 374 são conjunções (53%). Entre os clíticos *se* aqui considerados pronominais, estão os pronomes reflexivos (*se chama, se reunia*), as partículas apassivadoras (*se vendeu, se falou*) e os índices de indeterminação do sujeito (*se precisa, se ia*). Do total de 713 contextos com clítico *se*, sete foram excluídos, devido a problemas de codificação de fatores ou de identificação de sua função morfosintática, o que resultou em 706 ocorrências para análise.

Entre os clíticos pronominais, há ocorrências alternantes como *se reúnem::si reúnem, se torna::si torna, se levava::si levava, se precisa::si precisa*, e, entre os clíticos considerados conjunções, há alternância entre, por exemplo, *se é:: si é, se não:: si não* e *se tu::si tu*. Entre os clíticos pronominais, a aplicação da elevação é de 57,2%, e, entre as conjunções, de 80,7%. Pode-se pensar, neste caso, que a função morfosintática do clítico tem influência sobre o fato de este sofrer mais ou menos elevação. Considerando-se que os clíticos pronominais são mais fortemente ligados a um hospedeiro (neste caso, um verbo) do que clíticos que são conjunções, pode-se inferir que os clíticos pronominais têm um comportamento mais semelhante ao de sílaba pretônica do que os não pronominais.

Quanto ao clítico *que*, em que houve elevação em 80% dos contextos, pode-se supor que o contexto fonológico precedente à vogal passível de aplicação do fenômeno exerce influência. Levando em consideração todas as posições silábicas, Guzzo (2010) constatou que a elevação é favorecida pelo fator *plosiva velar*, que obteve peso relativo de 0,75 e frequência de aplicação de 78,5%. O fato de a consoante [k] ser produzida em um ponto mais alto do trato oral a aproxima da vogal [i], que é articulada mais próxima do palato, também em um ponto alto.

O fato de que o clítico *que* pode ser pronome ou conjunção não foi levado em conta por este estudo, visto que, dada a forma de apresentação e codificação dos contextos adotada por Guzzo (2010), na maioria dos casos não foi possível afirmar se o *que* em questão se tratava de pronome ou de conjunção.

O clítico *e* apresenta elevação em 93% dos contextos obtidos, um índice que pode ser considerado quase categórico. Isso pode dever-se ao fato de que o clítico *e* não possui *onset*, fato que, em sílabas pretônicas iniciais, é considerado por Bisol (1981) como contexto favorável à elevação. Pode-se supor o mesmo com relação ao clítico *em*, cuja vogal é elevada em 96% das ocorrências obtidas. Este clítico não possui *onset*, mas apresenta coda nasal, algo que, segundo Bisol (1981), tendo em conta sílabas pretônicas iniciais, é contexto para elevação vocálica categórica.

A elevação vocálica em clíticos foi objeto de investigação de Brisolara (2008), que verificou o comportamento dos clíticos pronominais *me, se, lhe(s), o(s), nos* e *-lo(s)* por meio de análise variacionista de dados de fala de Porto Alegre e do município fronteiriço de Santana do Livramento (RS). Em Porto Alegre, a elevação obteve índice

total de 95%, sendo aplicada em 98% das ocorrências de *-lo(s)/o(s)/nos* (*nos pedir/pedir-nos, os amar*), em 97% das de *te* (*te disse/disse-te*), em 96% dos contextos de *se* (*se fala/fala-se*), em 94% dos casos de *me* (*me lembrei/lembrei-me*) e em 82% dos de *lhe* (*lhe disse/disse-lhe*). Nessa comunidade, a elevação é favorecida pelos fatores *sem distância da sílaba tônica, degeminação e vogal /o/ na sílaba da palavra seguinte*.

Os dados de Santana do Livramento foram obtidos por Brisolara (2008) a partir de duas amostras, uma de 1978 e a outra de 2003-2005. A autora verificou que, na amostra de 1978, o percentual total de elevação vocálica é de 21%, ao passo que, entre os contextos obtidos em 2003-2005, esse índice alcançou 44%. Tanto para a amostra de 1978 como para a de 2003-2005, mostraram-se favorecedores os fatores *degeminação, ditongação e distância de duas ou três sílabas entre o clítico e a sílaba tônica*. Para a amostra de 1978, também foi favorável à elevação o fator *vogal /u/ na sílaba da palavra seguinte* e, para os dados obtidos em 2003-2005, foi considerado favorável o fator *vogal média ou baixa na sílaba da palavra seguinte*. A variável *Tipo de clítico* foi considerada relevante apenas para a amostra de 2003-2005. Nesta amostra, há elevação em 71% das ocorrências com clíticos *-lo(s)/nos*, em 60% dos contextos com *lhe*, em 53% com *se*, em 43% com *me* e em 19% das ocorrências com *te*.

Relativamente à amostra de Porto Alegre, em que todos os clíticos da análise de Brisolara (2008), exceto *lhe*, apresentaram percentual de aplicação da elevação superior a 90%, não é possível tecer comparações. Porém, podem se estabelecer paralelos entre os clíticos da amostra de 2003-2005 de Santana do Livramento considerados por Brisolara (2008) e os investigados por Guzzo (2010) em Flores da Cunha. Nas duas comunidades, o clítico *te* revelou menor percentual de elevação vocálica (em Flores da Cunha, esse índice só foi maior do que o do clítico *de*, não pronominal), e o clítico *se* apresentou frequência moderada de aplicação da regra, não se mostrando, pois, como um dos contextos em que há maior ocorrência de elevação.

É importante ressaltar, entretanto, que, nas duas investigações, o número de dados obtidos para cada clítico é díspar, visto que há muitas ocorrências de alguns tipos de clítico (como *e, de e que*, no estudo de Guzzo (2010), e *se e me*, no estudo de Brisolara (2008)) e poucas de outros (como *te*, em Guzzo (2010), e *lhe* e *-lo(s)/nos* em Brisolara (2008)). De qualquer forma, ainda que o total de contextos para cada clítico não tenha sido semelhante e que os clíticos considerados nas duas análises não tenham sido precisamente os mesmos, pode-se afirmar que tendências observadas a partir dos dados de Guzzo (2010), como a de que o clítico *te* desfavorece a elevação e a de que o clítico *se* apresenta elevação moderada, são confirmadas pelos resultados de Brisolara (2008).

A análise dos contextos de clíticos considerados no estudo de Guzzo (2010) permite afirmar que, para a elevação vocálica nesses elementos, contribuem seu contexto fonológico, seu tipo e sua função morfossintática. Na próxima seção, serão

analisadas as ocorrências de clíticos de Battisti e Guzzo (2012) relativamente ao apagamento. Alguns dos clíticos investigados pelas autoras estão presentes no estudo de Guzzo (2010).

3. CLÍTICOS E APAGAMENTO VOCÁLICO

O apagamento é um fenômeno variável que pode afetar, a rigor, qualquer vogal em posição átona, e está relacionado à qualidade dos segmentos que precedem e sucedem a vogal passível de sofrer o processo. Segundo Bisol (1986), o apagamento da vogal alta [i] em contextos como *antes~an[ts]* e *medicina~me[ds]ina* pode ser justificado pelo fato de que a supressão da vogal gera consoantes africadas, as quais, embora não sejam fonêmicas, são realizações possíveis em PB. Além disso, Sandalo et al (2006) afirmam que o apagamento é um recurso que, em PB, ocorre para a manutenção do ritmo binário e para a eliminação de pés degenerados. Para esses autores, o apagamento pode atingir qualquer vogal, e não apenas [i].

No estudo de Battisti e Guzzo (2012), foram considerados apenas os contextos em que a vogal passível de apagamento fosse precedida de obstruente e seguida de sibilante. Todas as vogais foram levadas em conta na análise, mas não foram obtidos contextos de apagamento com a vogal /a/. Houve, assim, poucos casos de apagamento com /o, u/ (amalgamados no mesmo fator), e predominância de aplicação da regra com /e/ e /i/.

Ao todo, foram obtidos 1467 contextos, e houve apagamento em 271, ou 18,5% deles. Na análise de Battisti e Guzzo (2012), todas as posições silábicas (*inicial*, *medial pré-acento*, *medial pós-acento/final* e *inicial clítico*) foram incluídas numa única variável. Além desta, o estudo contava com as variáveis linguísticas *Vogal candidata ao apagamento*, *Obstruente pré-vocálica*, *Número de sílabas da palavra* e *Qualidade da sibilante*, e com as extralinguísticas *Gênero*, *Idade* e *Local de residência*. Após rodada de dados no programa estatístico de análise de regra variável GoldVarb-X, as autoras observaram que o fenômeno é condicionado favoravelmente por jovens e moradores da zona urbana, pelas vogais /i/ e /e/, pelas obstruintes /t/ e /d/ precedentes, por palavras polissilábicas e pela posição *inicial clítico*.

Quanto à variável *Posição da sílaba na palavra*, que leva em conta as diferentes pautas em que pode ocorrer o fenômeno, é interessante observar que, tal qual ocorre com a elevação, o apagamento também é favorecido em clíticos. Nessa posição, houve apagamento em 32,6% das ocorrências, um índice significativamente acima do total obtido (18,5%), e o peso relativo atribuído ao fator *clítico* foi de 0,59, o que possibilita sua classificação como contexto favorecedor à aplicação da regra. São considerados neutros os fatores *inicial* e *medial pós-acento/final*, com frequências de 14,9% e 18,4%, respectivamente, e pesos relativos de 0,53 e 0,50. Já o fator *medial pré-acento* é desfavorecedor ao apagamento, com índice de aplicação de 10,8% e peso relativo de 0,26.

Assim como ocorre com a elevação, os clíticos parecem comportar-se, com relação ao apagamento, de modo diverso ao das demais posições silábicas. Não se assemelham a sílabas pretônicas nem apresentam papel próximo ao de sílabas postônicas. Tal qual observado por Guzzo (2010) para a elevação de /e/, também parece

que o apagamento tem se imposto na comunidade primeiramente por meio dos clíticos, para depois atingir as demais posições silábicas. A tabela a seguir traz os resultados obtidos por Battisti e Guzzo (2012) para a variável *Posição da sílaba na palavra*.

Tabela 2 – Posição da sílaba na palavra (BATTISTI e GUZZO, 2012)

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Inicial clítico (<i>de semana</i>)	87/267	32,6	0,59
Inicial (<i>dezoito</i>)	97/651	14,9	0,53
Final, Medial pós-acentado (<i>antes, pode ser</i>)	67/364	18,4	0,50
Medial pré-acentado (<i>professor</i>)	20/185	10,8	0,26
TOTAL	271/1467	18,5	

Input 0.110
Significância 0.000

Percebe-se, pois, que há maiores índices de aplicação de apagamento quando a vogal passível de sofrer esse processo está em um clítico. Entretanto, é possível que nem todos os clíticos apresentem comportamento semelhante quanto ao apagamento. Para atestar o papel do tipo do clítico e de sua função morfossintática com relação ao apagamento, retiramos dos dados de Battisti e Guzzo (2012) os contextos com essa partícula. Por meio de cruzamentos de variáveis e de análise individual das ocorrências, foram verificados os tipos de clíticos presentes na amostra e a frequência de aplicação de apagamento para cada um. Com isso, pretendeu-se chegar a afirmações sobre a influência da função morfossintática e do contexto fonológico do clítico no fenômeno do apagamento e elaborar paralelos entre esse processo e o da elevação.

Os clíticos considerados na análise de Battisti e Guzzo (2012) são *de*, *do*, *dos*, *co(m)*, *que* e *tu*. Não houve casos de clítico *te* seguido de sibilante. Na análise das autoras, foram contemplados contextos alternantes como *de semana::[ds]emana*, *do sapato::[ds]apato*, *dos pais::[ds]pais*, *co(m) sentimento::[ks]entimento*, *que sabe::[ks]abe*, *tu sabe::[ts]abe*, embora não tenha sido observado apagamento em todos esses casos.

Tu, apesar de ser um monossílabo tônico, foi abordado no estudo das autoras devido ao fato de que a vogal [u] foi submetida a apagamento em alguns contextos (como *tu sabes* e *tu saber*). Desse modo, embora *tu* não possa ser caracterizado como clítico, sua perda de força em sequências com sibilante seguinte e o fato de ter sua vogal apagada em algumas situações permitem que se pense que seu comportamento se assemelha ao de clíticos monossilábicos em determinadas sequências de segmentos.

Dos 267 clíticos obtidos por Battisti e Guzzo (2012), houve apagamento em 87 deles, ou em 32,6% dos casos. Embora a distribuição dos clíticos da amostra seja irregular, visto que há poucos contextos de alguns deles, a observação do quadro a seguir permite que sejam feitas algumas considerações sobre o fenômeno do apagamento nesses elementos.

Quadro 2 – Tipos de clítico e apagamento

Tipo	co(m)	do	dos	que	de	tu	TOTAL
apag. (%)	0	0	2 (29)	33 (31)	46 (36)	6 (75)	87 (33)
não apag. (%)	1 (100)	18 (100)	5 (71)	73 (69)	81 (64)	2 (25)	180 (67)
TOTAL	1	18	7	106	127	8	267

Nota-se, no quadro 2, que há dois clíticos em que não ocorre apagamento, a saber, *co(m)* e *do*. Entretanto, há apenas um contexto de *co(m)*, o que não permite fazer afirmações sobre o papel do contexto fonológico desse clítico ou de sua função morfossintática. Quanto ao clítico *do*, suas dezoito ocorrências não apresentam apagamento, o que poderia ser decorrência da vogal envolvida no processo (/o/, ou [u] resultante de elevação). A comparação do resultado para *do* com o resultado obtido para o clítico em que começam a surgir casos de elevação (*dos*) permite pensar que o fato de *dos* ter coda em /s/ exerce influência sobre o apagamento vocálico neste clítico. Entretanto, também há poucos contextos de *dos*, em comparação a outros clíticos encontrados na amostra de Battisti e Guzzo (2012).

Relativamente ao clítico *que*, das 106 ocorrências observadas, houve apagamento em 33, ou 31%, delas. Essa frequência, embora não seja superior ao índice total de aplicação da regra para os clíticos, é significativamente mais alta do que a média geral obtida para o fenômeno (18,5%). Pode-se pensar que o fato de a vogal envolvida no fenômeno ser um /e/ ou [i] e o fato de a sequência sonora resultante do apagamento com clítico *que* não ser estranha para a língua ([ks], existente em algumas palavras, como *táxi*) contribuem para o considerável número de apagamentos envolvendo esse clítico. Entretanto, como não foi possível separar os casos de *que* pronominal e *que* conjunção, devido à maneira de codificação e apresentação dos contextos, não se podem fazer considerações sobre o papel de sua função morfossintática quanto ao apagamento.

O clítico *de* apresenta percentual de apagamento vocálico de 36%, um índice maior do que a média obtida para o fator *clítico* na análise de Battisti e Guzzo (2012). Esse clítico abrange dois dos fatores considerados favorecedores na análise quantitativa, que é vogal /e/ e /d/ precedente, e o resultado do apagamento, a africada [ds] ou [dz], é considerada natural em PB.

O elemento em que mais ocorre apagamento vocálico é *tu*. Como se mencionou anteriormente, *tu*, embora não seja clítico, visto que é um monossílabo tônico, parece se enfraquecer quando em contato com uma palavra acentuada, do que decorre o apagamento. Ao perder a força nesse tipo de sequência, *tu* comporta-se como um clítico,

apoiando-se na palavra acentuada de modo semelhante ao que ocorre com o clítico e seu hospedeiro e assumindo *status* de sílaba átona.

Não há, porém, muitos contextos de *tu*, que poderia ser considerado como clítico pronominal, na amostra de Battisti e Guzzo (2012). Das oito ocorrências obtidas, há apagamento em seis delas, o que equivale a 75%. Com relação ao apagamento, não é possível elaborar conclusões sobre o papel da função morfossintática do clítico, uma vez que o único pronome existente entre os contextos é, justamente, *tu*. Há, ainda, casos do pronome *que*, mas estes não puderam ser discriminados na análise feita a partir dos dados utilizados pelas autoras. Pode-se pensar, pois, que, para o apagamento vocálico, exercem maior influência fatores linguísticos relacionados ao condicionamento do fenômeno, como a qualidade da vogal e o contexto fonológico precedente, do que o tipo de clítico e sua função morfossintática. Na próxima seção, os resultados obtidos para os clíticos quanto à elevação e ao apagamento são discutidos, tendo em vista o que podem sugerir a respeito da localização desses elementos na escala prosódica.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos por Guzzo (2010) para a elevação de /e/ e por Battisti e Guzzo (2012) para o apagamento vocálico possibilitam afirmar que, ao contrário do que assinala Bisol (2001), os clíticos não se comportam como sílabas átonas finais. Em Guzzo (2010), as sílabas postônicas finais/não finais mostraram-se neutras quanto à elevação, ao passo que os clíticos foram considerados favorecedores. O mesmo padrão foi obtido por Battisti e Guzzo (2012) com relação ao apagamento vocálico, fenômeno que é condicionado favoravelmente por clíticos e não sofre influência nenhuma da posição final. Pode-se afirmar que, na comunidade de Flores da Cunha (RS), localidade em que se basearam os dois estudos, tanto a elevação quanto o apagamento, processos tidos como inovadores no município e na região, estão se impondo por meio dos clíticos, para posteriormente atingirem as demais pautas silábicas.

Percebe-se, pois, que o comportamento dos clíticos é especial, uma vez que não se assemelha ao de sílabas postônicas nem ao de sílabas pretônicas. A pauta pretônica, entretanto, diferentemente da postônica, que se mostrou neutra para os dois fenômenos em análise, foi considerada desfavorável para a elevação de /e/ e neutra para o apagamento vocálico. De qualquer forma, os índices obtidos para esta posição relativamente a qualquer um desses fenômenos são divergentes daqueles atribuídos aos clíticos.

A análise dos contextos de clíticos contidos nos estudos de Guzzo (2010) e Battisti e Guzzo (2012), por meio da observação das ocorrências desses elementos, dos tipos de clíticos encontrados e de sua função morfossintática, permite uma série de considerações com relação ao seu papel no que concerne à elevação e ao apagamento. Conforme se assinalou nas seções anteriores, os clíticos apresentam comportamento distinto entre si relativamente aos fenômenos em estudo. Ao passo que alguns clíticos apresentam índices de elevação muito altos, outros possuem percentual de aplicação abaixo da média geral encontrada para a comunidade. Além disso, o clítico que

apresenta menor índice de elevação (*de*) é o que, logo abaixo de *tu*, possui maior frequência de apagamento vocálico.

Essas observações levam a inferir não apenas que os clíticos comportam-se diferentemente entre si com relação aos dois processos fonológicos em questão, mas também que seu comportamento pode estar relacionado tanto ao seu tipo como ao seu contexto fonológico (precedente e/ou seguinte) e à sua função morfossintática. Pode-se pensar, ainda, considerando o caso de *se* pronominal e *se* conjunção, que sua localização na estrutura sintática (estando mais ou menos próximo de seu hospedeiro) exerce influência sobre a aplicação de fenômenos fonológicos.

Para o apagamento vocálico, fatores como a qualidade da vogal passível de apagamento e o contexto fonológico precedente parecem ser mais relevantes do que o tipo do clítico e sua função morfossintática. Essa observação decorre do fato de que há mais apagamento nos clíticos que possuem vogal /e/ (que pode passar a [i]), como *de* e *que*, ou /t, d/ precedentes, como *tu* e *de*. A regra, desse modo, aplica-se em frequência mínima ou nula quando a vogal do clítico é /o/, mesmo que no contexto precedente haja uma oclusiva alveolar (/d/) ou uma oclusiva velar (/k/), de articulação mais alta.

O tipo de clítico e sua função morfossintática não parecem ter papel significativo para o apagamento vocálico, uma vez que clíticos de tipos semelhantes, como *de*, *do* e *dos*, e clíticos de classe morfossintática similar, como *que* e *co(m)*, apresentam comportamento diferenciado entre si com relação ao processo. Enquanto *de* apresenta um índice de aplicação de apagamento considerado alto, já que é acima da média total de apagamento obtida para a comunidade e acima da média obtida para o fator *clítico*, os demais (*do*, *dos* e *co(m)*) apresentam índices ínfimos ou inexistência de apagamento.

Para a elevação de /e/, por outro lado, tanto o contexto fonológico quanto o tipo do clítico e sua função morfossintática parecem exercer influência significativa. Por exemplo, o menor índice de elevação está relacionado aos clíticos iniciados por consoante plosiva alveolar, ao passo que o maior é atribuído àqueles sem *onset* (e, no caso de *em*, também com coda). Quanto aos demais clíticos, o percentual de elevação aumenta gradativamente à medida que seu contexto fonológico precedente é, estatisticamente, detentor de maior probabilidade de aplicação da regra.

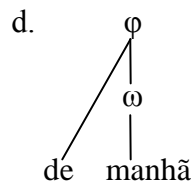
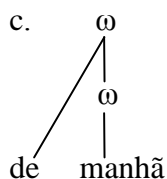
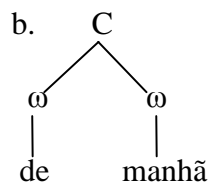
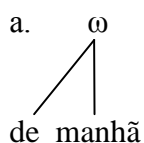
A função morfossintática do clítico parece exercer influência quando se trata do clítico *se*, que em alguns contextos da amostra é pronome e, em outros, é conjunção. Com *se* pronominal, o fato de haver menor incidência de elevação pode indicar que, quando o clítico está mais relacionado a seu hospedeiro (o verbo, neste caso), ele tem mais valor de pretônica do que quando, na estrutura sintática, encontra-se em nós mais afastados da palavra com acento próprio na qual se apoia. Nesta situação, o clítico é uma conjunção e, dessa forma, não está exatamente sob o mesmo domínio que seu hospedeiro.

Vigário (2001) considera que, no português europeu, a tendência dos clíticos pronominais é apoiarem-se em seu hospedeiro por meio de ênclise. Nos casos em que a próclise é requerida, isto é, quando há um elemento que atrai o pronome para antes do verbo, como um advérbio, o clítico deixa de ocupar seu lugar na estrutura sintática e, por uma operação de movimento, vai para antes do verbo.

No PB, porém, não parece ser esta a tendência. Entre os dados de Guzzo (2010), não foi registrado nenhum caso de ênclise, o que confirma que, nesta língua, o clítico pronominal pode relacionar-se a seu hospedeiro diretamente por meio de próclise. Não há, pois, primeiramente ênclise e, em seguida, operação de movimento. Assim, no PB, o clítico pronominal é inserido, tanto na estrutura sintática quanto na prosódica, na frente de seu hospedeiro; ele apoia-se, portanto, no elemento que o sucede, e não naquele que o precede. Relativamente a outros clíticos, segundo Vigário (2001), é este o processo que ocorre: eles apoiam-se no hospedeiro que os segue, e não numa palavra que, na estrutura sintática ou prosódica, os antecede.

O fato de os clíticos serem suscetíveis a fenômenos fonológicos como a elevação e o apagamento vocálicos traz indícios sobre sua localização na hierarquia prosódica. De acordo com o comportamento dos clíticos quanto a esses processos e com o modo pelo qual eles se relacionam ao hospedeiro, pode-se supor uma maior ou menor dependência dos clíticos com relação à palavra acentuada e uma maior ou menor semelhança a outras posições silábicas.

Considerando uma escala prosódica que vai da sílaba ao enunciado, passando pelo pé, pela palavra fonológica, pela frase fonológica e pela frase entoacional, nesta ordem, pode-se postular a prosodização dos clíticos em alguns desses níveis. Uma dessas possibilidades de prosodização (a.) define que o clítico incorpora-se ao hospedeiro, formando uma única palavra fonológica (ω). Outra (b.) postula que o clítico é um elemento com relativa independência, sendo correspondente a uma palavra fonológica e formando, junto com outra palavra fonológica, um grupo clítico (C), constituinte que, para Nespor e Vogel (1986) e Bisol (2001), localiza-se entre a palavra e a frase fonológica. Outra visão (c.) defende que, embora o comportamento dos clíticos assemelhe-se em alguns aspectos ao de sílabas pretônicas, eles somente se adjungem ao hospedeiro, formando uma palavra fonológica por recursão. Ainda, há a possibilidade (d.) de o clítico formar, junto com o hospedeiro, uma frase fonológica (ϕ). Essas formas de prosodização estão dispostas a seguir.



A possibilidade a. de prosodização é defendida por Câmara Jr. (2010 [1970]), que sugere que a sequência clítico-hospedeiro forma uma única palavra fonológica, uma

vez que é enunciada sem nenhuma pausa na emissão da voz e que os clíticos, por sua atonicidade, não podem ser instanciados em isolamento. De acordo com essa visão, os clíticos, ao se incorporarem a um hospedeiro, comportam-se como sílabas pretônicas.

Essa visão poderia ser considerada adequada se somente o fenômeno do apagamento fosse considerado. Quando a vogal do clítico é apagada, em contextos como *de semana*, que resulta em [ds]emana, ou *que sabe*, que resulta em [ks]abe, o que é formado parece ser uma única palavra fonológica, visto que, com a perda da vogal do clítico, o *onset* deste passa a formar, com a sibilante inicial da palavra acentuada, um segmento complexo. Entretanto, o fato de haver elevação vocálica em clíticos e de este processo não ser condicionado por uma vogal alta na sílaba seguinte permite pensar que o clítico não se comporta como sílaba pretônica, não sendo incorporado, pois, à palavra fonológica. O clítico, ao sofrer elevação de modo aproximado ao que pode ocorrer a uma sílaba átona final, demonstra certa independência com relação ao hospedeiro, não se comportando como uma sílaba que se submeteu a um processo de afixação a ele.

Já a possibilidade b. de prosodização é proposta por Nespor e Vogel (1986) para os clíticos das línguas em geral e aplicada aos dados do PB por Bisol (2001, 2005). O principal argumento a favor dessa proposta é que a sequência clítico-hospedeiro, em várias línguas, é o domínio de aplicação de regras específicas que não são próprias da palavra ou da frase fonológica. Dessa maneira, os clíticos se comportariam com certa independência com relação ao hospedeiro, agindo como se fossem palavras fonológicas, apesar de serem desprovidos de acento.

Essa hipótese, porém, não parece ser adequada aos dados do português falado na região de Flores da Cunha (RS), especialmente no que diz respeito à elevação de /e/ e ao apagamento vocálico. Quanto ao apagamento, a queda da vogal do clítico e a subsequente união de seu *onset* ao *onset* da sílaba inicial da palavra acentuada são fenômenos que demonstram que esse elemento não se comporta como palavra fonológica independente. Quanto à elevação de /e/, fenômeno que atinge não apenas os clíticos, mas também as demais posições silábicas, esses elementos comportam-se diferentemente de qualquer outra pauta. O fato de serem submetidos à elevação em índices superiores aos obtidos para a posição postônica demonstra que os clíticos não podem ser caracterizados como partículas semelhantes a elementos de fronteira final de palavra.

Restam, portanto, duas possibilidades. A visão c. sugere que o clítico se adjunge a um hospedeiro, que constitui sozinho uma palavra fonológica, formando uma outra palavra fonológica por recursão. Já a quarta hipótese, d., indica que o clítico une-se ao hospedeiro, que é uma palavra fonológica, no nível da frase fonológica.

A primeira dessas duas visões, que postula que o clítico e o hospedeiro formam uma palavra recursiva, é defendida por Vigário (2001) para o português europeu e por Toneli (2009) para o PB. De acordo com Vigário (2001), o fato de os clíticos poderem receber acento inicial e acento enfático tal como se pertencessem a uma palavra prosódica e de serem passíveis de redução é um indício de sua prosodização no nível da palavra, ainda que não por meio de incorporação a ela.

No PB, é possível pensar que alguns clíticos mantêm uma relação de maior proximidade com seu hospedeiro, o que é indicado pela maneira como se comportam

relativamente a fenômenos fonológicos variáveis, como a elevação e o apagamento vocálicos. Como se afirmou anteriormente, o apagamento poderia fornecer argumentos para que se postulasse a prosodização do clítico no nível da palavra, o que é, no entanto, contrariado pelo modo como esse elemento se comporta com relação à elevação. Porém, se for considerado o fato de que alguns clíticos parecem mais ligados ao seu hospedeiro do que outros (como é o caso de *se* pronominal, que, apresentando menor índice de elevação do que o *se* conjunção, parece ter mais características de sílaba pretônica do que este), seria possível pensar que, ainda que eles não sejam incorporados à palavra acentuada, eles estabelecem com ela uma relação de dominado-dominante ao adjungirem-se ao seu domínio.

Entretanto, a proposta d., de que clítico e hospedeiro formam frase fonológica, também poderia ser levada em conta para os dados de elevação de /e/ e apagamento vocálico em clíticos do PB. Essa hipótese, apresentada por Selkirk (1996) e defendida, para o PB, por Simioni (2008), sugere que o clítico e seu hospedeiro, ao se submeterem a fenômenos característicos de frase fonológica, como processos de juntura, são prosodizados nesse nível. Para Selkirk (2011), o fato de os constituintes prosódicos corresponderem, em muitas situações, a constituintes sintáticos poderia indicar que os clíticos formam frase fonológica com o hospedeiro. Relativamente ao apagamento e à elevação de /e/, pode-se dizer que esses fenômenos, ainda que possam ocorrer no interior de palavra, também ocorrem em fronteira.

Além disso, tendo em conta a elevação, pode-se pensar que o fato de esse processo ser favorecido, na região de Flores da Cunha (RS), por clíticos, e não por sílabas átonas finais, é resultado da tendência de a regra ser introduzida primeiramente por meio dos clíticos, para depois atingir as demais pautas. Desse modo, o fato de que há mais elevação em clíticos não necessitaria ser interpretado rigorosamente como um fator de diferenciação entre clíticos e sílabas átonas finais, mas como uma tendência de imposição da regra na comunidade primeiramente por meio de uma posição silábica estritamente sem proeminência.

Pode-se pensar, considerando o caso de *se* conjunção, em que há mais elevação de /e/, que este contexto, ao contrário de *se* pronominal, estabelece com seu hospedeiro uma relação sintaticamente menos próxima. Assim, a existência de uma maior distância na representação sintática entre *se* conjunção e hospedeiro pode contribuir para que esses elementos não estabeleçam entre si uma relação estreita, o que permitiria maior índice de elevação vocálica neste caso. Por outro lado, o *se* pronominal encontra-se sob o mesmo nó sintático que seu hospedeiro, apoiando-se nele de maneira semelhante ao que ocorreria com uma sílaba pretônica, o que justificaria o menor índice de elevação nesse tipo de contexto.

Tanto a proposta de que clítico e hospedeiro formam palavra fonológica recursiva quanto a hipótese de que essa sequência constitui uma frase fonológica merecem mais atenção. Um exame mais detalhado da relação entre fenômenos fonológicos e tipos de clítico poderá trazer indícios para que se postule uma dessas possibilidades de prosodização como a adequada para os dados do PB.

5. CONCLUSÃO

A análise dos dados de elevação de /e/ obtidos por Guzzo (2010) e de apagamento vocálico considerados por Battisti e Guzzo (2012) relativamente ao comportamento dos clíticos permitiu observar que, quanto ao primeiro fenômeno, tanto o tipo do clítico quanto sua função morfossintática e seu contexto fonológico exercem influência em sua aplicação. Quanto ao segundo processo, o contexto fonológico do clítico parece ser determinante para que haja mais apagamento em alguns clíticos e menos em outros.

Relativamente à elevação, constatou-se que ela é mais frequente nos clíticos *que* (80%), *e* (93%) e *em* (96%), e menos em *de* (38%) e *te* (42%). O fato que pode fazer com que ocorra menos aplicação do fenômeno em *de* e *te* é a presença de oclusiva alveolar em contexto precedente, o que, de modo geral, inibe a elevação de /e/. Já o fator que pode contribuir para que haja mais elevação em *e* e *em* é a não existência de *onset* na sílaba e, no caso de *em*, a presença de uma coda nasal. Quanto ao clítico *que*, pode exercer influência na realização do fenômeno a presença, no *onset*, de uma oclusiva velar, a qual possui uma articulação mais alta, próxima ao ponto onde [i] é produzido.

Quanto ao clítico *se*, constatou-se que há mais elevação em *se* conjunção (80,7%) do que em *se* pronominal (57,2%), o que pode ser explicado pelo fato de que *se* pronominal relaciona-se ao hospedeiro de maneira mais próxima do que *se* conjunção. Esse comportamento do clítico *se* permite ainda presumir que *se* pronominal pode ser prosodizado, com o hospedeiro, no nível da palavra, por meio de recursão, ao passo que *se* conjunção forma, com a palavra acentuada, uma frase fonológica.

O apagamento vocálico ocorre com mais frequência nos clíticos *tu* (75%) e *de* (36%). O fato de que *de*, proporcionalmente, parece ser mais propenso a ter sua vogal apagada do que elevada pode ser resultante do fato de que, em PB, segmentos africados como [ds] ou [dz] são alofônicos e, portanto, naturais. Já a existência de apagamento da vogal de *tu* pode ser indício de que esse monossílabo tônico comporta-se tal qual um clítico em sequências em que a próxima palavra é acentuada e iniciada por sibilante.

A análise de diferentes possibilidades de prosodização levando em conta os fenômenos da elevação de /e/ e do apagamento vocálico possibilitou excluir as propostas de que o clítico forma, com seu hospedeiro, uma única palavra fonológica, e de que clítico e hospedeiro constituem um grupo clítico. Restaram as hipóteses de que clítico e hospedeiro podem formar palavra fonológica recursiva ou frase fonológica, propostas que devem ser mais criteriosamente discutidas, à luz de outros fenômenos fonológicos relacionados ao comportamento dos clíticos.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- BATTISTI, E. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a dimensão subjetiva da variação. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Cadernos de Pesquisas em Linguística*. Porto Alegre, vol.3, n.1, novembro de 2007. EDIPUCRS.
- BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. O apagamento variável de vogais em posições átonas no português brasileiro: o caso de Flores da Cunha (RS). *Letras & Letras*. Uberlândia. v. 28, nº 1, 2012. (no prelo)
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. A palatalização e sua restrição variável. *Estudos* (5), p.151-162, dez.1986.
- _____. Os constituintes prosódicos. In.: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 40, nº 3, p.163-184, setembro, 2005.
- BRISOLARA, L. B. *Os clíticos pronominais do português brasileiro e sua prosodização*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [1970].
- FROSI, V. M. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, G. M. *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I – America Latina. Regione Veneto, Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.
- GUZZO, N. B. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul (UCS).
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MAURI, C. *Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forqueta, Caxias do Sul (RS)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications, 1986.
- ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- SANDALO, F.; ABAURRE, M. B.; MANDEL, A.; GALVES, C. Secondary stress in two varieties of Portuguese and the Sotaq optimality based computer program. *Probus*. v. 18, issue 1. p.97-125. ISSN 0921-4771. 2006.
- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SELKIRK, E. The prosodic structure of function words. In: BECKAMN, J.; DICKEY, L. W.; URBANCZYK, S. (eds.) *Papers in Optimality Theory*. University of Massachusetts Occasional Papers 18. Amherst, MA: GLSA, 1996.

SELKIRK, E. The Syntax-Phonology interface. In: GOLDSMITH, J.; RIGGLE, J.; YU, A. C. L. (eds.) *The handbook of phonological theory*. 2. ed. Malden (USA), Oxford (UK): Blackwell, 2011.

SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa*. São Paulo. v. 52, n.º 2, p.431-446, 2008.

TONELI, P. M. *A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (SP).

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIGÁRIO, M. C. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa, Portugal.

Recebido em 02/05/2012

Aceito em 05/06/2012

Versão revisada recebida em 18/06/2012

Publicado em 30/06/2012

RAISING OF /e/ AND VOWEL DELETION: THE CASE OF CLITICS

ABSTRACT: *this study analyzes the type of clitics, their phonological context and their morphosyntactic function in order to (i) verify how these factors are related to their behavior regarding the raising of /e/ and vowel deletion, and (ii) to examine hypotheses about their placement in the prosodic hierarchy. In this work, the clitics obtained by Guzzo (2010) and Battisti and Guzzo (2012) were analyzed separately. We observed that raising, which is more frequent with clitics <e> and and less frequent with <de> and <te>, is conditioned by the phonological context, the type of clitic and its morphosyntactic function, whereas deletion, which is more frequent with <tu> and <de>, is influenced mainly by the phonological context.*

KEYWORDS: *clitics; raising of /e/; vowel deletion; prosodic phonology.*